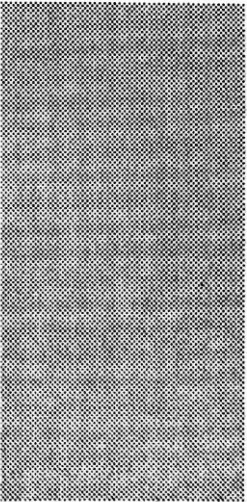



Maria Helena Grohmann Rodrigues de Paula ()*

Panorama atual da educação em Israel (**)

(*) Mestra em Educação pela PUC-SP e professora de Prática de Ensino na Universidade de Sorocaba - UNISO.

(**) Este artigo é uma síntese do “International Seminar on Educational Systems in Israel”, realizado em julho de 1993.



RESUMO

Este artigo examina o sistema educacional em Israel hoje, partindo da análise das características gerais da educação e a situação cultural israelense. O sistema educacional daquele país é descrito em seus principais componentes: educação pré-primária, primária, intermediária, secundária e superior. Também são analisados outros aspectos, como informática em educação, a vida no **kibbutz** e a integração educativa existente.

ABSTRACT

This article analyzes the educational system in Israel today starting from an analysis of the general characteristics of education and the Israeli cultural situation. The educational system of the country is described in its main components: kindergarten, elementary school, junior high school, high school and college education. Other aspects such as computing in education, life in the kibbutz and the existing educational integration are also analyzed.

1. INTRODUÇÃO

Convidada a participar do “International Seminar on Educational System in Israel” pelo “ISRAEL KIBBUTZ ASSOCIATION”, que promove cursos de férias desde 1970, reuni-me a mais 80 professores universitários, diretores de escola, supervisores escolares, especialistas em educação, representantes de diversos Estados do Brasil (São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Bahia) para aproveitar a oportunidade de “viajar aprendendo”, que essa instituição oferece. O interesse em conhecer o sistema educacional hodierno de Israel, considerado um dos mais modernos no mundo atual, prende-se ao fato de que, ao estudar a vinculação de práticas escolares a teorias filosóficas - como professora que sou na área de Filosofia da Educação - surpreendeu-me constatar que, em Israel, colocava-se em prática a união (considerada possível) entre um sistema democrático de decisão e um socialista de distribuição equitativa dos benefícios sociais - pelo menos nos KIBBUTZIN.

ISRAEL, antes de mais nada, desperta a atenção de todos por sua história - ponto de entrecruze de várias civilizações; por sua localização geográfica - porta de entrada de quem procede da Europa Ocidental para o Oriente próximo; por sua religiosidade - Jerusalém é a cidade sagrada para Judeus, Católicos, Muçulmanos; por suas lutas - “Como a região é um caminho natural, sempre foi um ponto de confluência de forças”, diz Michener¹ o que de certa forma ensinou o povo a lutar por seus interesses, para defender sua integridade e liberdade.

Israel está localizada no Oriente Médio, oeste da Ásia, com uma área de 21.946 Km² (área da Sicília), limita-se com Libano (N), Síria (NE), Jordânia (E), Egito e Mar Mediterrâneo (O) e Golfo de Acaba (S). De clima mediterrâneo, o território de Israel está dividido em 6 distritos: Norte, Central, Sul, Haifa, Tel-Aviv e Jerusalém e, em algumas regiões, o território tem cerca de 15 km de extensão. Sua população que, em 1948, era de 800.000 habitantes, com as migrações, passou para quase 1.500.000 habitantes na década de 50. Atualmente (segundo dados de 1994) é de 5 milhões, ou mais precisamente de 5.400.000, sendo 89,9% na zona urbana, assim distribuídos: 200 mil nas aldeias, 160 mil nos KIBBUTZIN, 190 mil nos MOSHAVIM e 4.850.000 nas cidades.

1. MICHENER, James. *A fonte de Israel*, p. 138-139.

Outros dados demográficos importantes para compreender as características especiais da população atual com sua problemática específica:

- Composição étnica compreendendo uma maioria de europeus (ASHKENAZIN) ao lado de sul-europeus e africanos (SEFARADIM) e árabes;
- Composição populacional por faixa etária: 0 a 14 anos, 31,7%; 15 a 59, 56,0% e mais de 60 anos, 12,3%; concluindo, a maioria da população é de jovens e adultos;
- Taxa de fertilidade: 3,0 (nº de filhos/por mulher);
- Expectativa de vida: uma das mais altas 73,9 para homens e 77,5 para mulheres;
- Índice de analfabetismo: 8,2% na década de 80 e zero atualmente.

Esses dados são indicadores de um padrão de vida suficientemente confortável, se levarmos em conta tanto as condições físicas do pequeno país, como os recursos humanos advindos de constante migração, desde os primórdios de sua cultura.

Habitada na antigüidade pelas doze tribos judaicas, a Palestina foi sede do Reino de Davi, cujo filho Salomão construiu o Templo de Jerusalém e dividiu o território nos reinos de Judá e Israel, conquistados sucessivamente por assírios, babilônios, persas, macedônios, gregos, romanos e posteriormente pelos árabes e turcos.

A Diáspora dispersou a população judaica pelo mundo todo, até fins de século XIX, quando se iniciou o retorno, mais precisamente em 1870, com a fundação da primeira colônia judaica em Jafa, seguida posteriormente pela criação de 16 colônias agrícolas, precursoras da criação de um Estado Judeu na Palestina e da instalação do Estado Independente de Israel, em 14.05.1948.

As contínuas lutas externas e as disputas internas prosseguem desde essa data e significam a busca constante da paz (SHALOM), tão almejada nas negociações todas, desde que o povo que preservou sua língua, sua religião e seu casamento endogâmico decidiu que também tem direito a seu território, para realmente se constituir numa nação.

E é o sistema educacional desta nação, governada pelo sistema parlamentarista e por uma Câmara - KNESSET - composta por 120 membros (eleitos pelo voto direto, para mandato de 4 anos), que pretendemos expor nas linhas seguintes.

2. CARACTERÍSTICAS GERAIS DA EDUCAÇÃO

2.1. São os seguintes os objetivos mais importantes da educação em Israel hoje: transmissão de conhecimentos, integração à pátria e à terra, incentivo ao progresso da educação científica/ tecnológica e realização de uma educação orientada para os valores humanos.

2.2. Todos os alunos têm acesso à educação, independentemente de sua origem social: judeus, árabes e imigrantes. Além da lei do retorno de 1950, que permite a imigração de todos os judeus de qualquer parte do mundo para Israel, sem discriminação, a lei da nacionalidade de 1952 dá a todo o imigrante recém-chegado ao país, a cidadania automática. Esta providência é seguida de outra: existem escolas públicas para egípcios em Gaza, para jordanianos na Samaria e Galiléia e também para árabes em diversas cidades, devido ao problema lingüístico que se instalou no país com a imigração maciça de Judeus para sua terra prometida, ISRAEL : além da língua materna, todos aprendem hebraico e inglês, conforme diretrizes do Centro Nacional de Programas de Estudo.

2.3. Existem em Israel vários tipos de escolas: 1) públicas, inspecionadas pelo Ministério da Educação, 2) religiosas, nacionais e independentes e 3) comunitárias ou dos KIBBUTZIN.

2.4. A gratuidade do ensino abrange a escolaridade dos alunos até 18 anos, acompanhada se sua obrigatoriedade tanto por parte dos pais, que devem matricular os filhos, como dos alunos, que devem freqüentar o sistema educativo, para conseguir operacionalizar os objetivos educacionais almeçados.

2.5. Os exames anuais são realizados pelo Ministério da Educação que, ao mesmo tempo que avalia o rendimento dos alunos, também faz a avaliação dos professores e das instituições, nos seus aspectos materiais e humanos.

2.6. O período escolar é diferenciado: para o primário são 5 horas diárias em 6 dias, 30 horas semanais; para o secundário, 7 a 8 horas diárias em 6 dias, 42 a 48 horas semanais.

2.7. Os programas de estudos envolvem três tipos de temas: os obrigatórios, elaborados pelo Ministério da Educação; os eletivos, escolhidos pelos alunos (mas com obrigatoriedade de escolha) e os opcionais, adicionados livremente pelos alunos.

2.8. A divisão dos alunos por classe obedece a regulamentação oficial: com um número ideal de 32, em média são 36 por sala, com 20 no mínimo e máximo de 42.

2.9. A preocupação educacional centralizada no aluno leva à aceitação do princípio de que a aprendizagem se realiza através da conduta ativa do aluno, que aprende mediante aquilo que faz. Foi a fixação clara deste objetivo e sua eficaz operacionalização que fez baixar o índice da analfabetismo de 20% em 1970 para 2% em 1990 e zero atualmente.

2.10. "A história educativa dos hebreus variou de acordo com suas mudanças políticas e sociais"², eis por que o sistema educacional de Israel está sempre em

2. FRANCISCO LARROYO, *História da Pedagogia*. p. 85.

mudança, com transformações variadas devidas à “grande influência das invenções e descobertas científicas, ao surgimento de novos povos, à ameaça de novas armas, ao despertar produzido por novas idéias e também à descoberta de uma nova dimensão do universo em todo lugar, a ênfase está posta no povo”³ e a educação precisa se adaptar a todas estas novas mutações, para que possa atingir os objetivos a que se propõe.

3. SISTEMA EDUCACIONAL EM ISRAEL

3.1. Educação Pré-Primária

A educação pré-primária atende crianças de 2 a 6 anos, atingindo 99% da população dessa faixa etária, assim subdivididos:

- Crianças com 2 anos - 75% matriculadas
- Crianças com 3 anos - 96% matriculadas
- Crianças com 4 anos - 99% matriculadas
- Crianças com 5 anos - 95% matriculadas

Seguindo uma metodologia própria, procura fazer tratar de viver e conviver crianças, não só de classes sociais diferentes, como de nacionalidade e costumes diversos.

Esta fase do sistema educacional de Israel compreende uma diferenciação na organização e funcionamento do Jardim de Infância: até 5 anos, o ensino é privado ou municipal; de 5 a 6 anos, o ensino é público e gratuito (porque aqui se inicia o período de educação compulsória, que vai de 5 a 16 anos e ao qual têm acesso todos os alunos, sem diferenciação de origem). Se não fosse resolvido desta forma, resultaria em problemas na educação, dadas as circunstâncias especiais que envolvem a imigração dos judeus do mundo todo para sua terra natal.

Após permanecer os três primeiros meses no seio da família com a mãe, que não trabalha nesse período, a criança vai para a “casa dos bebês” onde permanece até 15 meses. Na creche e no maternal, a criança brinca livremente no **playground** da casa, rodeada de material de sucata, o que dá ao local características mais de família que de escola (devido ao medo de ataques terroristas e seqüestro de crianças). Em seguida, vai para a unidade educativa maternal, onde permanece até 3 anos, em grupos de 12 a 15 crianças no máximo. A educação pré-primária propriamente dita está estruturada em 3 fases: 3, 4 e 5 anos, sempre com agrupamentos de 12 a 15 crianças somente.

3. M. E. The structure of the educational system. p. 17.

Até 5 anos as crianças vivem e dormem separadas dos pais (causa: necessidade do trabalho tanto do pai quanto da mãe no KIBBUTZ principalmente). Isto não significa que elas não convivam com os pais: o tempo reservado à família é diário, das 16 às 20h e no sábado, o dia todo. Experimentalmente, foram feitas modificações neste sistema, as crianças passaram a dormir em casa com os pais, diariamente. Isto provocou menos vida social das crianças e o aparecimento de problemas (até então inexistentes) característicos da vida capitalista, resultantes da interação adulto X criança, provocando clima propício para desentendimentos e discussões familiares.

Entre as vantagens de uma “convivência entre irmãos”, desde a mais tenra idade, está a de não produzir “cópias iguais de pessoas”, pela influência individualizadora e individualizante tanto dos educadores, quando das famílias.

3.2. Educação primária

A educação primária tem a duração de 9 anos, divididos em 6 anos de primária propriamente dita ou geral (de 6 a 12 anos) e intermediária ou ciclo médio (de 12 a 15 anos); a primária apresenta 98% de alunos matriculados e a intermediária atinge 100% da clientela da sua faixa de idade.

Os estudos são organizados conforme a integração de diferentes necessidades: dos alunos (segundo DEWEY), dos grupos sociais (família, escola, sociedade), dos valores culturais (do país), das características da psicologia do desenvolvimento (PIAGET), da psicologia da aprendizagem (ERIKSON) e das características estruturais das disciplinas (segundo estudos e influências de BLOOM, BRUNNER, SCHWARZ e TAYLOR).

As comissões de estudo, nomeadas pelo governo, estabelecem os objetivos das matérias, os conteúdos programáticos e suas relações com as atividades de estudo e a avaliação. Este material é mimeografado e endereçado a todas as escolas do país, cujos professores fazem as adaptações necessárias e as implementam.

O programa de estudos é constituído de três elementos:

1. **Temas e conceitos** - mínimos obrigatórios por séries
2. **Eletivos** - adicionais por série
3. **Opcionais** - adicionais por série

Nas três primeiras séries o programa básico conta com as seguintes disciplinas: Língua Hebraica, Matemática e Ciências, Bíblia, Literatura, Estudos Sociais e Ambientais, Ginástica, Música e Desenho; nas 4^a, 5^a, e 6^a séries acrescentam-se Inglês, História, Geografia Nacional e Agricultura.

Há um professor por classe, que funciona trinta horas semanais: (seis dias de cinco horas) das quais 75% são obrigatórias. O número de alunos obedece às

seguintes condições: mínimo de 20, máximo de 42 e ideal de 36 alunos por classe.

Os programas de estudo constam de:

1. Objetivos, temáticos e atividades dos alunos.
2. materiais educativos: textos (capítulos obrigatórios e optativos dos livros), jogos, filmes, atividades dos alunos com computadores.
3. Atividades dos professores no processo tanto de ensino/aprendizagem, como no de avaliação da performance dos alunos.

Apesar de o programa ser unificado em nível nacional (com objetivo de “formar um israelita”) mudanças provocaram a autonomia da escola e do diretor: tais programas são abertos e flexíveis para serem usados segundo necessidades da escola, do grupo, da direção e dos professores; também porque, antes de serem implementados, são experimentados por 2 ou 3 anos em escolas/piloto. Tais mudanças derivam de vários fatores:

1º - mudanças no conceito e atuação do professor/diretor, que não tem mais só a função centralizadora/administrativa, mas de orientação e coordenação.

2º - Os pais, em seu relacionamento com as escolas, têm direito de decidir e participar de 25% dos temas das disciplinas do programa. Como consequência desta influência familiar, passou a existir uma diferenciação entre as escolas primárias: algumas são mais tradicionais (valorização da tradição cultural), outras são progressistas ou alternativas (valorizam arte, ecologia, natureza, meios de comunicação).

Estas modificações caminharam da centralização socialista para o pluralismo individualista, como resultado das mudanças efetuadas nos últimos 40 anos (tanto em nível universal como local), no processo de globalização que a tudo envolve (“todos têm direito a tudo”). Assim é que em Jerusalém se encontra uma rede de escolas primárias comunitárias, onde se acha institucionalizada a relação entre alunos/professores/pais, que participam ativamente da vivência escolar: decidem programas de estudo, trabalham na escola, organizam passeios e atividades extracurriculares e projetos de ajuda a comunidades.

Os programas de estudos são revistos a cada 5 anos e passam mais de 3 anos sendo objeto de apreciação da Comissão de estudos do Centro de Programas de Estudos e Currículos, diretamente ligado à Secretaria Pedagógica Central, que não só elabora a ideologia adotada, como supervisiona as atividades pedagógicas desenvolvidas.

3.3. Educação intermediária

Esta fase do sistema escolar situada após a escola primária geral, que tem a duração de 6 anos e vai do 1º ao 6º grau, é denominada de escola de ciclo

médio ou intermediário e tem a duração de 3 anos, compreendendo do 7º ao 9º grau.

A lei da Integração Educacional de 1968 prevê que, até o 6º grau, as escolas primárias sejam regionais, para atender às necessidades da comunidade. A partir dos 12 e até os 18 anos (dos alunos) uma escola intermediária integra o alunado proveniente de várias regiões, concentrando-o no mesmo local.

Para atender às finalidades para as quais foi criada, a escola intermediária se subdivide em 2 fases:

1º - De 12 a 15 anos: o ciclo intermediário tem a função específica de ser uma escola integrativa/social.

2º - De 15 a 18 anos já é considerada escola secundária, com objetivos tanto a nível acadêmico (preparo para entrada na Universidade) como tecnológico (preparo profissionalizante).

O currículo da escola integrativa/social varia de 34 a 37 horas semanais, diferenciando-se nas escolas estatais e nas religiosas. Disciplinas optativas oferecidas nestas duas escolas também são diversificadas: Francês, Idiche, Agricultura e Tópicos Contemporâneos nas primeiras e Árabe, Francês, Computação, Filosofia Judaica, Agricultura, Estudos Bíblicos, Educação e Ciências Sociais, nas segundas. Em ambas, as disciplinas obrigatórias são: Hebreu, Bíblia, Tradição Oral, Matemática, Ciências Naturais, História e Geografia de Israel e do Mundo, Línguas, Artes, Educação e Educação Física. Nas YESHIVAS - escolas religiosas intensivas para homens (também há destas escolas para mulheres ULPANAS), as horas de estudo atingem um total de 42 horas semanais.

3.4. Educação secundária

Compreende o período que vai de 15 a 18 anos, completando a seriação escolar denominada pré-universitária ou profissionalizante do 10º ao 12º graus, subdivididas em:

- Secundárias gerais
- Secundárias vocacionais/técnicas
- Secundárias agropecuárias
- Semi-agrícolas
- Regionais

As escolas funcionam num período de 7 a 8 horas diárias.

De 1948 a 1960, a educação secundária tinha a duração de 8 anos. Após a Reforma Educativa efetuada em 1960, motivada por razões sociais e culturais, foi intercalada a educação intermediária, com duração de 3 anos, após a educa-

ção primária, que passou a ter 6 anos, e anterior à educação secundária, também com 3 anos de duração.

Entre as causas que motivaram tal reforma, encontramos: 1) setorização (aluno vai à escola onde reside); 2) causas socioculturais: o aluno permanece 9 anos na mesma escola e grupo; 3) necessidade de uma pré-especialização, anterior tanto à entrada na universidade como à inserção no mercado de trabalho, já especializado.

As críticas e os fracassos relacionados com alguns casos provocaram choques que foram solucionados por acompanhamento em projetos especiais.

Quando completa 16 anos, o adolescente, que até então residia com a família, ganha independência, passando a residir em apartamentos com jovens da mesma idade, tendo também a responsabilidade do exercício de uma profissão, principalmente no KIBUTZ, onde sua força de trabalho é necessária para a sobrevivência do grupo.

O número de estudantes matriculados desde o pré-primário até este nível secundário, cresceu mais de 80% da década de 48/49 até 88/89: (Gráfico 1) em 1948 os estudantes, 139 mil, constituíam 18% da população, em 1959/60 esta porcentagem subiu para 26%, compreendendo 552 mil estudantes; na década de 60 eram 750 mil estudantes (26% na década de 70 ultrapassaram a casa do milhão - 1.076.000 (28%), até atingir a cifra de 1.320.000 estudantes, representando 29% da população (conforme gráfico 2). Contudo, nem todos os graus tiveram o mesmo ritmo de crescimento, conforme fica evidente no gráfico nº 3 e 4. Por outro lado, os resultados de grandes investimentos (Gráfico nº 5) em educação ficam evidentes no gráfico, onde a porcentagem da população com nenhuma ou pouca escolaridade (0 a 4 anos) entre os judeus decresce de 15,6% para 7,1% e entre não-judeus, de 49,8% para 22,5% (Gráfico nº 6).

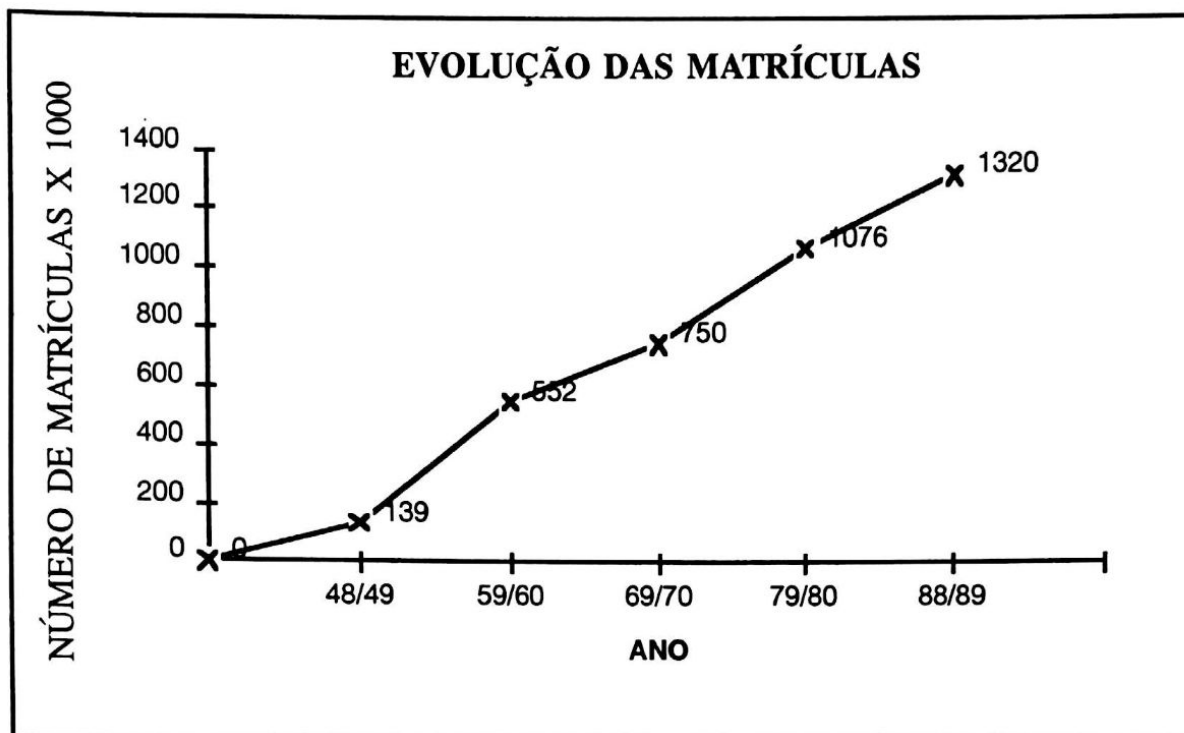


Gráfico nº 1

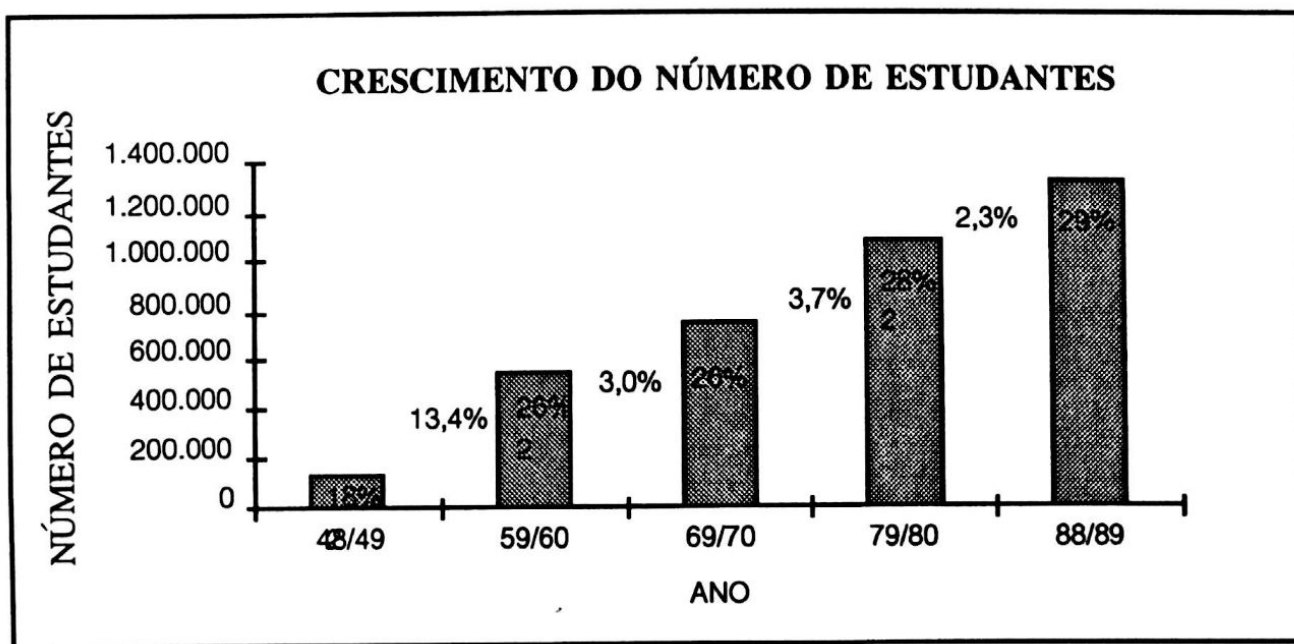


Gráfico nº 2

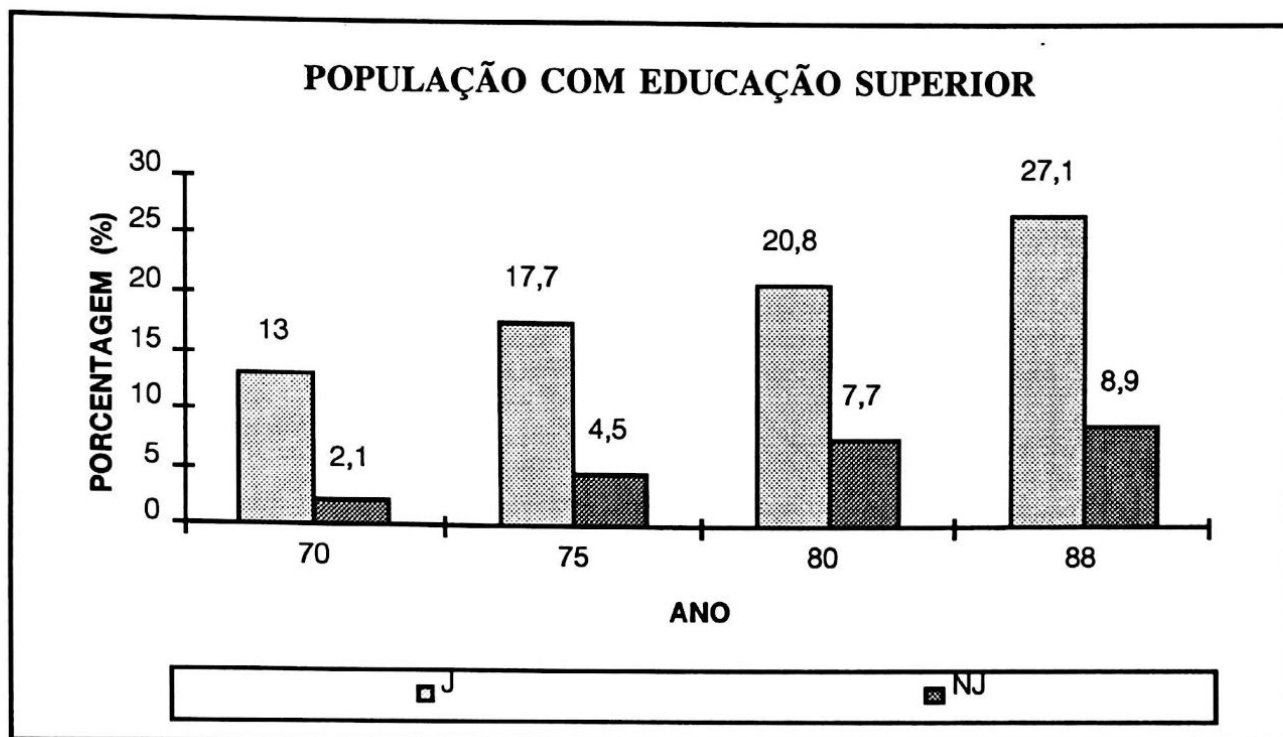


Gráfico nº 3

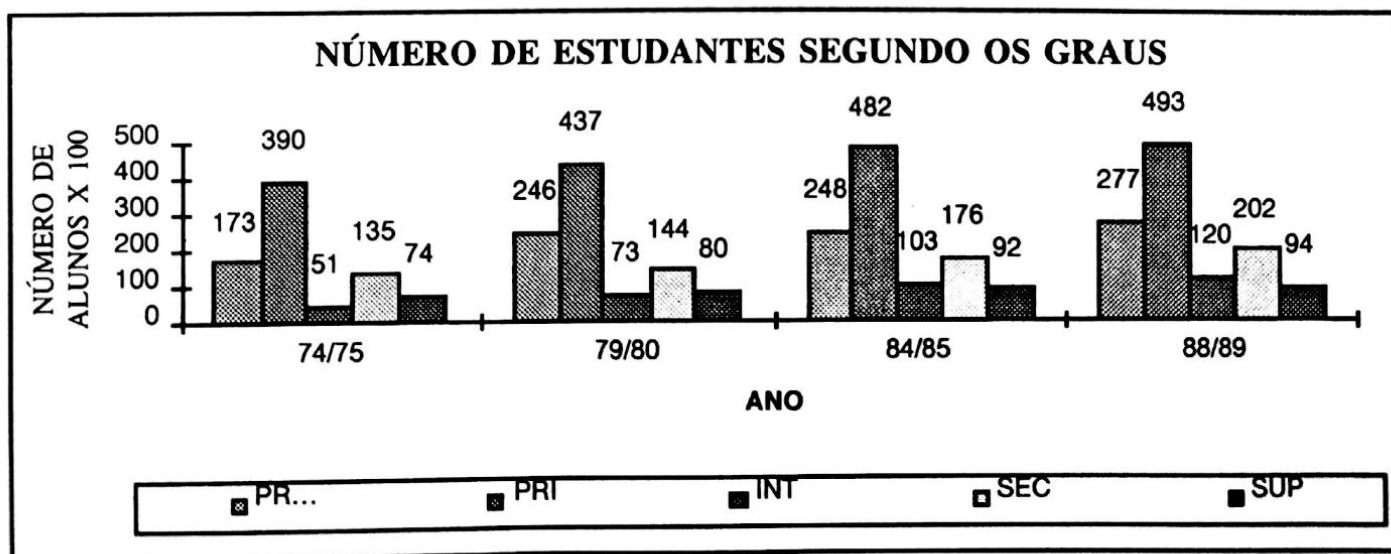


Gráfico nº 4

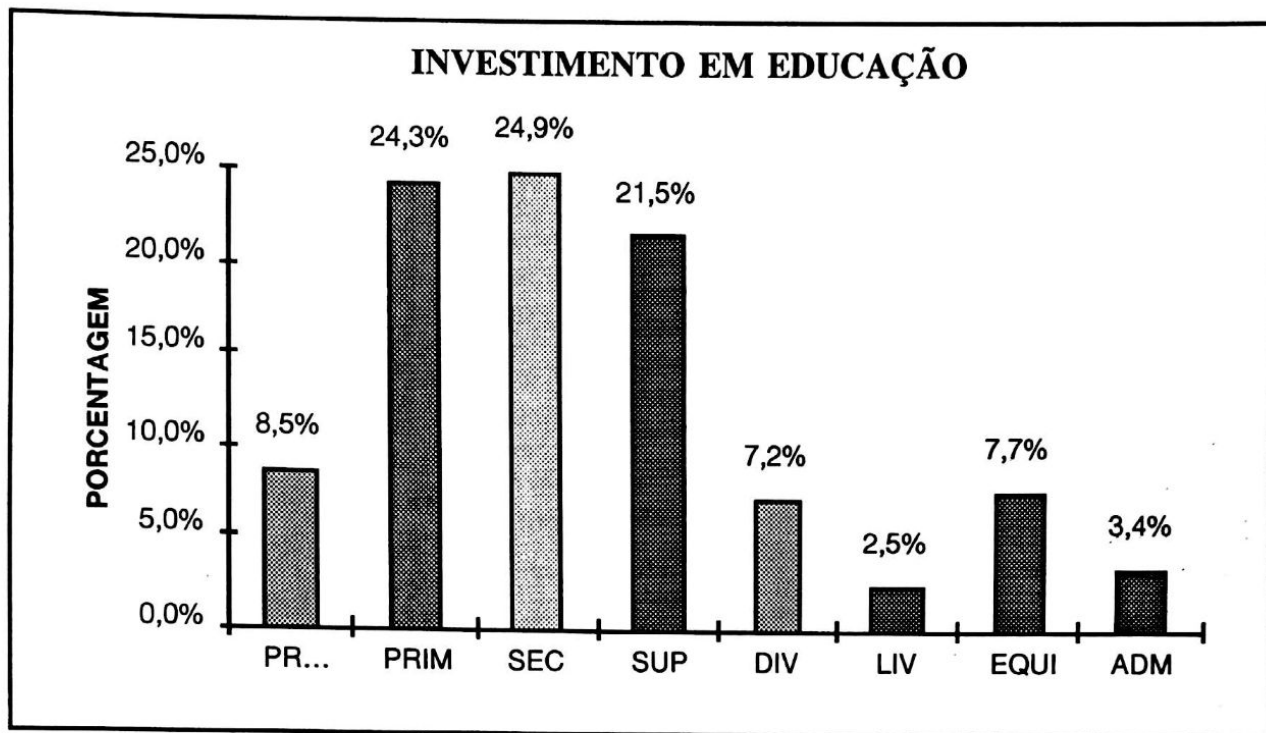


Gráfico nº 5

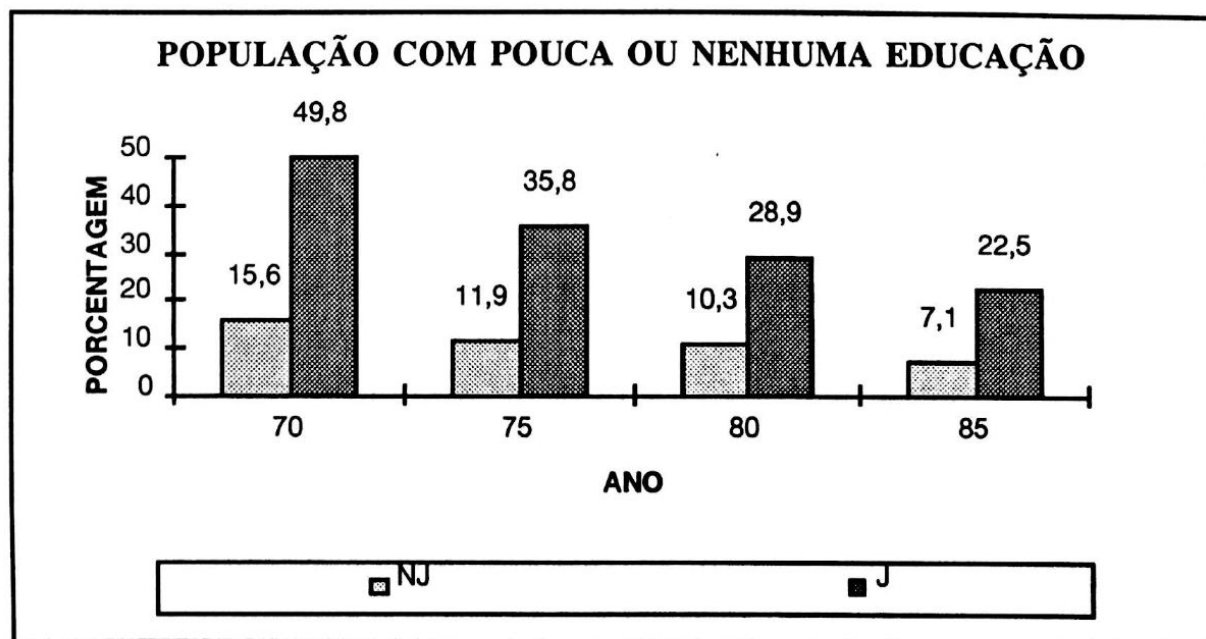


Gráfico nº 6

3.5. Educação superior

Abrange o ensino universitário, que se inicia aos 20/21 anos após concluída a educação secundária, que geralmente vai de 15 a 18 anos de idade e também principalmente após a realização do serviço militar obrigatório para todos, mas diferenciado para moços, com duração de 3 anos e para moças, com duração de 2 anos.

Esta duração do serviço militar se prolonga com a prestação de serviços ao Estado durante 30 dias ao ano, até o cidadão completar 55 anos de idade.

O ensino superior é totalmente pago, porque custa muito caro para o governo e se destina aos melhores alunos; como o custo do aluno é quatro mil dólares ao ano, a família se responsabiliza pela metade e o estado complementa o restante.

O vestibular para as Universidades de Haifa, Jerusalém e Tel-Aviv, realizado na faixa de idade de 20/21 anos, consta da análise do currículo do aluno, o qual deve somar, no mínimo, 22 pontos, e de um exame preliminar - BAGRUT (madureza), seguido de exame psicométrico, para medir a capacidade intelectual e a orientação vocacional.

O problema atual do ensino superior é o aumento do número de pessoas que querem estudar, ou seja, a popularização/democratização do ensino superior, devido às facilidades oferecidas pelos meios de ensino, tais como bibliotecas, computadores e outros recursos audiovisuais. A consequência administrativa tomada pelos dirigentes do ensino foi conter os limites para não baixar o nível acadêmico do ensino universitário, além do problema: onde e que recursos criar, para atender as reais necessidades do país.

O ensino superior atinge 20 a 25% da população estudantil, compreendendo três faixas de interessados: 1) jovens com 20/24 anos por ocasião do ingresso; 2) adultos (30/40 anos), que ocupam funções a exigir especialização e reciclagem e; 3) aposentados (+/- 60 anos) que desejam novas oportunidades, tanto de estudo como de trabalho, visto que o título acadêmico é responsável por um melhor status sócio-econômico.

Representantes da comunidade e professores escolhidos pelo mérito acadêmico dirigem a Comissão do Ensino Superior, nomeada pelo Ministro da Educação, que é composta de 25 membros renovados a cada 5 anos; a autonomia universitária é grande, envolvendo criação, localização e extinção de universidades, faculdades e cursos, subvencionados com 21% do orçamento destinado à educação.

O estudante israelense só chega à universidade, após a prestação obrigatória do serviço militar, com 22/24 anos, com a vantagem de um maior amadureci-

mento e menores possibilidades de errar, na escolha da área a estudar e profissão a exercer.

Funciona em Israel a "Open University" - é a universidade por correspondência: o aluno recebe o material pelo correio; os temas, créditos provas são realizados em casa e enviados por correspondência, mas obedecendo a cronograma previamente estabelecido - faixa pequena da população estudantil utiliza este sistema, que exige muita disciplina pessoal e organização do horário de estudo acoplado ao trabalho.

O total de alunos matriculados no ensino superior atinge mais ou menor 80 mil alunos, sendo 18.610 em Jerusalém, 21.530 em Tel-Aviv, 10.280 em Thecnion, 11.930 em Bar Ilan, 8.120 em Haifa, 7.490 em Bersheva e 680 no Instituto WEISMAN, dedicado à pesquisa. Três mil alunos estão matriculados nos cursos de Música, Belas Artes e Ciências Têxteis. O Gráfico nº 7 explicita a população com educação superior: na década de 70 abrangia 13% de judeus e 2,1% de não-judeus, enquanto em 88 temos 27% de judeus e 8,9% de não-judeus.

Os graus acadêmicos são os mesmos de outras universidades - bacharelado, licenciatura, mestrado e doutoramento. A jornada do professor é de 24 horas semanais, sendo 8horas-aula e 16horas- pesquisa; o professor é avaliado e a

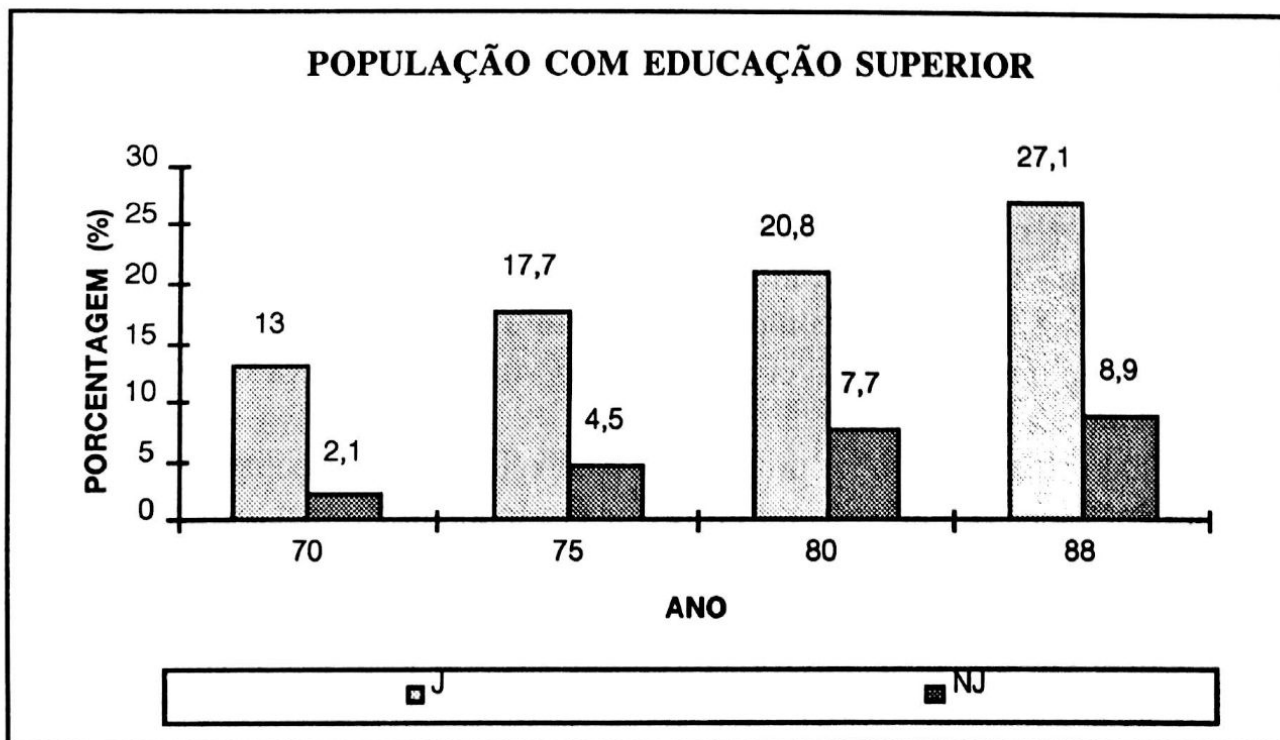


Gráfico nº 7

cada 7 anos - ano sabático - tem direito à reciclagem universitária para maior aperfeiçoamento e especialização do corpo docente. A aposentadoria vigente é por idade: 60 anos para mulheres e 65 para homens e, se requerida após 35 anos de trabalho, está isenta da taxa de impostos, chegando ao montante de 70% do salário bruto.

A vida social dos universitários é incrementada com excursões, visitas, concertos, teatros, espetáculos de música, exposições artísticas, atividades às quais é dedicado pelo menos um dia ao mês; para receber o BAGRUT (um dos elementos da classificação do vestibular), durante um ano, os alunos dedicam 4 horas semanais de trabalho social, ajudando alunos do curso primário em seus estudos, trabalhando em hospitais e outras instituições como monitores.

Todo este panorama educacional não anula a problemática também aqui encontrada referente a drogas, aborto e Aids; hoje os jovens são mais conscientizados desses problemas, devido tanto à orientação familiar como à escolar, onde atuam psicólogos, polícia, conselho de pais e também programas de TV.

Outro problema enfrentado atualmente é a abertura ao ensino privado, para que o subsídio governamental seja maior nas instituições públicas já existentes.

4. INFORMÁTICA NA EDUCAÇÃO

Das 2.500 escolas judaicas (as árabes são 578), 1800 delas possuem de 5 a 50 computadores por escola. Esta importância reconhecida ao uso do computador na educação deve-se, em primeiro lugar, à revolução que a informática realizou no desenvolvimento científico, tecnológico e cultural da sociedade moderna. Por outro lado, suas vantagens no processo da aprendizagem são inegáveis: esta se torna ativa, interativa, amena, participante por parte do aluno, que tem a possibilidade de compilar dados em unidades adaptadas ao seu interesse e ritmo, além da inegável apresentação visual (e auditiva do CD-ROM), motivadora por excelência.

Contudo, a integração na programação de estudos que o computador possibilita não dispensa a atuação do professor em todos os momentos do processo ensino/aprendizagem.

Pela sua acessibilidade (em Israel 60 a 70% das casas e 70% das escolas possuem o computador), realiza uma ponte entre a casa e a escola; e numa escola do ano 2.000, o aluno chegará com seu computador portátil, para “aprender como aprender” com o professor, que não mais será transmissor de conhecimentos como era no passado, dada a velocidade do crescimento e progresso dos conhecimentos, que são mais privativos de alguns poucos privilegiados.

5. ESCOLA AGRÍCOLA

O sistema educacional agrícola abrange uma população proveniente de vários setores:

1. SETOR DO KIBBUTZIM, compreende 270 colônias agrícolas com 130 mil habitantes, são escolas agrícolas dos KIBBUTZIM.

2. SETOR DOS MOSHAVIM, compreende 360 cooperativas com 240 mil habitantes, são escolas agrícolas das cooperativas regionais.

3. SETOR DOS PEQUENOS PROPRIETÁRIOS DA TERRA, que freqüentam as escolas de agricultura propriamente ditas.

Em Israel, a terra pertence ao Estado: não se pode vender ou especular; a terra existe para ser trabalhada. Eis por que a principal função das escolas agrícolas é aplicar princípios do método científico (indutivo/dedutivo) para que os alunos adquiram autoconfiança, não só através do estudo, mas principalmente através do seu trabalho. Os agricultores formam assim uma classe elitista; em oposição ao que acontece em outros países, onde os menos preparados é que vão para a agricultura, aqui para ser agricultor, é preciso ser muito inteligente, porque um trabalhador especializado faz o trabalho de 5 pessoas.

Esta mudança de valorização da agricultura determinou mudanças na educação: esta deve preparar para um mundo diferente, onde agricultura passa de fim (produção de alimentos) para meio - ser um ambiente sadio, que ajude a criança a ganhar auto estima através de seu trabalho pessoal.

O problema básico é a água, que pertence ao Estado, e tem seu uso dividido na seguinte proporção: 5% para as casas, 15% para uso individual e 80% para utilização na agricultura.

As melhores escolas agrícolas são as dos KIBBUTZIM, tanto pelo nível dos alunos e dos professores como pela localização física. Elas têm a finalidade de educar jovens de classes sociais diferentes, desde os 13 anos até o serviço militar (18 a 21 anos), formando cidadãos úteis.

Todas as escolas recebem o mesmo investimento, com as seguintes exceções: as mais pobres recebem mais e as dos KIBBUTZIM investem do seu lucro.

A produção do KIBBUTZ destina-se, em primeiro lugar, à sobrevivência própria e, em segundo, à exportação.

As escolas agrícolas são o local privilegiado para a educação das crianças nascidas nos KIBBUTZIM, apresentando o mais alto número de alunos internos: enquanto países clássicos do internato, como Inglaterra, tem 1,5% e Rússia 2%, Israel apresenta a cifra de 15% de alunos internos.

6. A VIDA NO KIBBUTZ

A tradicional pirâmide da estratificação social, própria dos países capitalistas, que coloca no topo uma minoria de grandes fortunas, seguida dos banqueiros, profissionais liberais, comerciantes e na base a grande maioria de agricultores, foi invertida completamente pelo sociólogo polonês BOHOJER, em relação a Israel: os agricultores são importantes tanto sob o aspecto de libertação e independência nacionais, como na criação de trabalho e produção de bens para o país. Esta inversão de valores manifesta-se corretamente nos KIBBUTZIM.

O KIBBUTZ é uma sociedade voluntária que agrega muitas pessoas em torno de um objetivo comum e nela não existe oligarquia: todos os membros tomam democraticamente suas decisões. Os membros passam por um período inicial de 2 anos como estagiários, voluntários, após o que são aceitos por votação da comunidade.

Como comunidade socialista (anticapitalista) o KIBBUTZ estabelece igualdade de oportunidades e possibilidades, sintetizadas na máxima “cada um dá o que tem e recebe o que necessita”.

Estruturalmente os KIBBUTZIM são organizados em três tipos, segundo diferenciação política: KIBBUTZ religioso, KIBBUTZ unificado e KIBBUTZ socialista.

Dois princípios básicos regem a vida no KIBBUTZ:

1. Igualdade de oportunidade e condições
2. Separação do mundo infantil e adulto.

Contudo, a vida no KIBBUTZ não é o paraíso como possam pensar alguns: só 3% da população de 6 milhões moram nos KIBBUTZIM, porque nem todos estão preparados para a falta de privacidade que a vida socialista exige e para certas características do sistema econômico vigente no KIBBUTZ: você não possui os bens, mas usufrui deles segundo suas necessidades. Cada família recebe uma casa com 2 quartos, W.C., cozinha e sala, conforme necessidades e idades dos membros da família. A subsistência é garantida por um salário (20 mil Shekeis) suficiente para alimentação e vestuário, visto que a educação e saúde são áreas gratuitas.

Atualmente ocorrem mudanças nas atitudes e comportamentos dentro dos KIBBUTZIM, determinadas pelas necessidades familiares de um lado e pelo grau de desenvolvimento alcançado pela colônia agrícola - auto-suficiência alcançada geralmente após 10 anos de existência, implementada inicialmente com ajuda do estado. Por problemas econômicos alguns KIBBUTZIM aceitam alunos externos pagantes.

7. INTEGRAÇÃO EDUCATIVA

Israel é modelo para se aprender como realizar uma verdadeira integração educativa. Isto porque: 55% da população têm suas raízes do Oriente: Marrocos, Tunísia, Iraque; outros 45% são integrados por imigrantes judeus de todas as partes do mundo, principalmente da Europa. O atendimento contra o analfabetismo fica evidente no gráfico nº 8: enquanto em 1970 eram atendidos 84,8% da população geral, 87,4% da população judaica e 71,8% da não-judáica, em 1988, eram atendidos 93% da população geral, 95,6% da judaica e 85% da não-judáica, crescimento esse necessário à implantação da integração educativa.

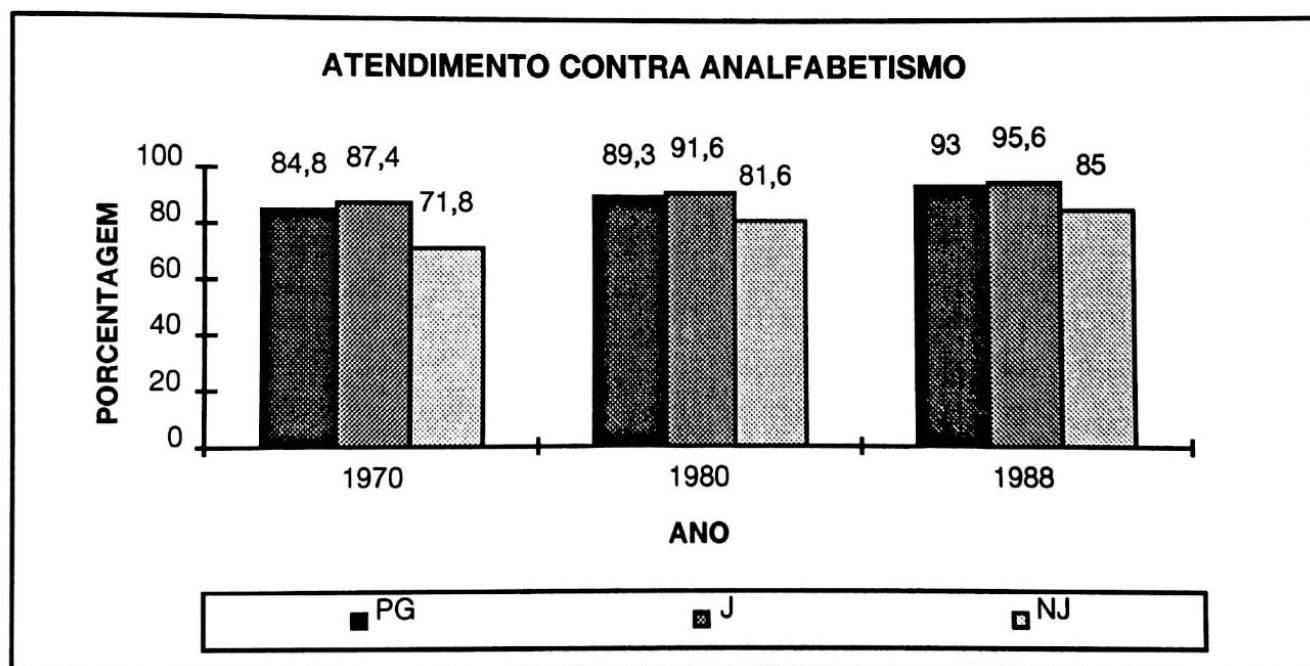


Gráfico nº 8

Por questões históricas, culturas e povos não se desenvolveram na mesma direção, especialmente se comparamos Oriente e Ocidente. A mesma pátria - sonhada e desejada através de séculos de Diáspora - existe para 2 origens: um em cada 5 habitantes vem do LESTE (ao contrário da população do cárcere, que compreende 5 do Leste para cada um do Oeste).

Como Israel acredita que não há só a base genética para diferenças entre as pessoas, porque influências sociais são também muito importantes, ela trabalha com a teoria de que a base, a origem das diferenças está nos fatores culturais

arraigados em algo que ocorre na infância, mais especificamente no primeiro ano de vida, no relacionamento da criança com o adulto (mãe ou substituta); eis porque este período é muito bem cuidado na educação infantil, para desenvolver a “confiança básica” necessária ao desenvolvimento integral do ser humano, pois não se pode educar alguém baseando-se no fracasso; o sistema educacional deve adaptar-se ao aluno e não este ao sistema. O desenvolvimento da auto-estima é o problema básico, porque repercute nos outros 2: falta de conhecimentos prévios e lentidão no aprendizado, dado que o objetivo primordial da educação é desenvolver todo potencial intelectual, para fazer o educando participar, como pessoa inteligente, dos acontecimentos do sec. XXI.

8. CONCLUSÃO

Nenhum dos antigos povos orientais, diz BURNS⁴, teve maior importância para o mundo moderno do que os hebreus; foram eles que nos deram grande parte do substrato da religião cristã, como os mandamentos, o conceito de Deus como legislador e Juiz e ainda mais de dois terços da Bíblia. As concepções hebraicas da moral e da teoria política influenciaram também profundamente as nações modernas”.

“A influência ética, continua BURNS⁵, contida nos Talmudes e Torá, continua o código de conduta pessoal do judeu, com todas as suas proibições ritualísticas; a influência política se refere aos ideais de governo limitado, da soberania da lei e da consideração pela dignidade e pelo valor do indivíduo, que se contam entre as grandes influências formadoras que plasmaram o desenvolvimento da moderna democracia. É universalmente admitido, hoje, que as tradições do judaísmo não contribuíram menos que a influência do cristianismo e da filosofia estoica para promover o reconhecimento dos direitos do homem e o desenvolvimento da sociedade livre”⁶.

O nacionalismo judeu, representado pela unidade religiosa, familiar (casamento endogâmico) e lingüística (apesar das várias influências sobre o hebraico, provenientes das conquistas), explica por que “mais de 1.800 anos de dispersão (DIÁSPORA) não quebraram os laços históricos e religiosos dos judeus com Israel e a determinação de voltar para lá”⁷.

Israel nasceu em 14/05/48 como lar nacional para os judeus na Palestina, preocupados não só com seus limites e fronteiras, mas com a educação de seus

4. BURNS, E. E., *História da civilização ocidental*, v. I, p. 111

5. BURNS, E. E., *História da civilização Ocidental*, v. I, p. 11

6. CYTRYBOWICZ, op. cit. p. 4

7. BLINDER, op. cit. p. 4

cidadãos, realidade esta ligada a questões tanto políticas e sociais, como religiosas e éticas; a convivência de religiões diferentes - judaísmo, cristianismo, ortodoxos gregos, islamismo - tanto gera posições de tensão e conflito (em nível político/ social) como de acomodação (em nível religioso). O conceito socializante - “na falta de condições para o particular, é o coletivo que deve resolver”⁸ - é que determinou, após a criação da Universidade Hebraica em 1918 (para estudos religiosos), a organização de uma rede de escolas diversificadas, tanto quanto às suas finalidades - laicas ou religiosas - como quanto às etnias: para israelenses, para árabes e muçulmanos. Como reflexo da sociedade em que está inserida, na educação israelense ainda há muito por fazer - apesar do muito já realizado. O panorama atual é de abertura, ou seja, a educação consegue realizar uma integração social (objetivo) muito bem efetuada do indivíduo no sistema educacional israelita. Outros objetivos além da integração, como setorização e especialização, merecem críticas após alguns fracassos registrados, choques estes solucionados pelos acompanhamentos de projetos especiais.

Até 1948 existiam diversas correntes educativas: a socialista (humanista não-comunista), a burguesa e a religiosa, desde as correntes mais ortodoxas até as mais liberais. Em 1948, o Estado unifica e supervisiona a educação, nacionalizando-a em duas correntes: laica e religiosa, ambas gratuitas e igualitárias (após 53), mantidas com subvenção oficial.

Em todas, porém, a meta é educar para um mundo em mudança, do qual Israel é exemplo por toda a sua história, defendendo a integridade da língua, da religião e da nacionalidade, muito bem expressas no primeiro verso de seu hino nacional:

“A ti, a ti, meu país, entrego meu amor e meu coração”

GLOSSÁRIO

ALIYAH - movimento de restauração do nacionalismo judeu, iniciado em 1878, com a fundação da primeira colônia judaica em PETAH TIQWA, por um grupo de nativos de Jerusalém e que teve várias ondas de revivificação: a primeira em 1882/1903, com refugiados da Rússia, Polônia e Iêmen; a segunda em 1904/1918, com os que escaparam dos “pogroms” (mortuário) russos e poloneses; a terceira em 1919/1923, com jovens refugiados poloneses e russos da Primeira Guerra Mundial (que futuramente criaram o HISTRADRUT e o HAGANAH); a quarta em 1924/1928, com artesãos e lojistas poloneses (após restrição eco-

8. Sistema educacional de Israel, p. 17.

nômica) e a quinta - a mais importante - a partir de 1933, devida à perseguição nazista dos judeus europeus, com os refugiados do Holocausto.

ALIYAH BET - programa ilegal de imigração judaica estabelecido durante o Mandato Britânico na Palestina para livrar o país desse domínio, utilizando terrorismo e atos violentos, ataques com bombas e seqüestros, realizados pelas instituições HAGANAH, IRGUN TZEVAI LEUMI; LOHAMEI CHERUT ISRAEL; PALMACH (forças judaicas).

ASHQUENAZIM - judeus originários da Europa Central e Oriental, inclusive alguns que migraram para a América do Norte e do Sul, Austrália e África do Sul, constituíram a primeira geração de líderes israelenses e, pelo seu número, dominaram a sociedade sionista.

BAGRUT - exame de madureza que o jovem faz após terminar o curso secundário, o que lhe permite, então, o direito de ingressar no curso universitário (após cumprir serviço militar obrigatório).

BAR-MITZVAH - cerimônia que ocorre no décimo terceiro aniversário, pela qual os jovens são aceitos na congregação dos homens, após terem realizado curso regular de estudos sobre judaísmo (a cerimônia para as jovens denomina-se BAS-MITZVAH). Basicamente significa que ele está sujeito às leis judaicas e, para propósitos religiosos, ele é um adulto. No sábado após seu décimo terceiro aniversário, ele lê a Torah na sinagoga pela primeira vez, cerimônia que supõe anos de preparação e é seguida de festivas comemorações na família.

BEDUÍNOS - representam 10% da população árabe muçulmana do país. Organizam-se em 30 tribos espalhadas pelo sul do país. Anteriormente nômades, passam hoje pelo processo de urbanização, saindo da sociedade tribal, para viver em assentamentos municipais.

CARAÍTAS - seita judaica que remonta ao século VIII. Seus adeptos professam adesão total ao TORAH, como única fonte de lei religiosa; facção do judaísmo que mantém suas próprias cortes religiosas, casam-se somente entre si e habitam ASHDOD e BEERSHEVA.

CARDO - artéria comercial dos períodos romano e bizantino, foi desenterrada e restaurada; suas construções abobadadas funcionam como lojas e estabelecimentos comerciais.

CIRCASSIANOS - muçulmanos sunitas concentrados em 2 vilas na Galiléia. Não tendo a mesma origem árabe nem a formação cultural da maior comunidade israelense, mantiveram sua identidade distinta ao longo dos anos.

DIÁSPORA - movimento de dispersão do povo hebreu através do mundo, após o reinado de Adriano (130 D.C.). A Diáspora refere-se também ao período a partir do cativeiro babilônico. Na Jerusalém arrasada, é construída a AELIA CAPITOLINA, mais tarde denominada PALESTINA. Nesse período, a maior parte dos judeus é obrigada a deixar o país devido à carestia, às perseguições e à imposição de pesados impostos.

Oficialmente, a diáspora perdurou até a proclamação da independência, em 14/05/1948.

DRUSOS - habitantes de 22 vilas ao norte de Israel, pertencem a uma seita secreta que mantém sua autonomia cultural, social e religiosa. Sua filosofia - TAQUIA - prega completa lealdade dos adeptos ao governo do país em que vivem.

GUEMERAH - elaboração posterior ao MISHNAH, que prosseguiu por mais de 3 séculos. Designa também o terceiro ciclo de estudos (15 a 18a) em que se aprofundava o estudo das leis orais, junto a conhecimentos de história, anatomia, medicina, astronomia e geometria.

HAARETZ - para a maioria dos israelenses, a denominação da terra prometida, conhecida também por ERETZ ISRAEL; SION, referindo-se a uma das colinas de Jerusalém. Os romanos a chamavam de PALESTINA, palavra derivada de FILISTIA, usada pela primeira vez pelos romanos. Os católicos a denominavam Terra Santa, em memória aos lugares sagrados percorridos por Jesus.

HAGANAH - o maior dos 3 movimentos clandestinos judaicos (ETZEL E LECH são os outros), que agiram durante o período do Mandato Britânico; oficialmente criado em 1920 como organização de autodefesa para salvaguardar a segurança da população judaica.

HALACHAH - corpo de leis religiosas, tendo como finalidade, guiar a vida dos judeus desde os tempos bíblicos. É comum transmitido de geração em geração, abrange todos os aspectos do comportamento, desde as obrigações religiosas e rituais, até as relações interpessoais: nascimento, casamento, agricultura, comércio, ética e teologia.

HANNUKKAH - consiste em um período de 8 dias de comemoração, começando no vigésimo quinto dia de KISLEV, quando não acontece nem jejum nem lamentação. A data também é conhecida como "Festival das Luzes" porque uma das velas do Menorah é acesa a cada noite para comemorar o triunfo dos Macabeus.

HISTADRUT - federação geral dos trabalhadores, fundada em 1920, para cuidar do bem-estar dos trabalhadores e providenciar empregos através da criação de

cooperativas no setor industrial e colocação de mão-de-obra nas colônias agrícolas cooperativistas.

HOLOCAUSTO - plano criminal de liquidação da comunidade judaica europeia, organizado pelo regime nazista da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), durante o qual foram assassinados cerca de 6 milhões de judeus, inclusive 1,5 milhão de crianças.

KABALAH - misticismo judaico, cujo estudo floresceu nas casas de estudo que se espalharam por todo o território israelense, após a Diáspora. Tratado filosófico-religioso hebraico, que pretende resumir uma religião secreta que se supõe haver coexistido com a religião popular dos hebreus. Designa também o conteúdo deste tratado, particularmente a decifração de um sentido secreto da Bíblia e uma teoria sobre o simbolismo das letras e dos números.

KADDISH - oração agradável a Deus, recitada em favor do falecido nas cerimônias fúnebres; trata-se de uma obrigação específica dos filhos.

KASHRUT - nome derivado do adjetivo **KOSHER**, que geralmente é traduzido como “ritualmente aceitável”. As leis **KOSHER** estabelecem basicamente o que é permitido na alimentação, bem como o modo de preparação de comidas e bebidas. Baseadas em citações bíblicas (Gênesis, Levítico, Deuteronômio), do Talmude e da Mishnah, tais leis incluem preceitos higiênicos, sanitários, estéticos, folclóricos, psicológicos e éticos.

KIBBUTZ - de origem ídiche, trata-se de uma estrutura social e econômica que surgiu da sociedade pioneira do início do século XX e acabou se tornando um modo de vida rural, pois é uma colônia agrícola ou pequena fazenda coletiva, baseada em princípios igualitários (democracia) e comunitários (socialismo).

KIBBUTZNIKS - membros dos **KIBBUTZIM**, que surpreendentemente representam menos de 3% da população de Israel, embora nas áreas rurais formem 1/3 dos habitantes locais. A maioria dos membros dos Kibbutzim primitivos era originária da Europa Central e Oriental, mas hoje a vasta maioria é nascida em Israel. Comumente são mais jovens que a população em geral, suas famílias são numerosas e 90% vivem em comunidades que alcançam hoje a terceira geração de uma típica família multigeracional.

KIPPAH ou **YARMULKA** - casquete que é o sinal mais comum do judeu religioso. Não há um tamanho universalmente reconhecido para os “yarmulkas” e pode ser encontrado sob vários estilos, cores e materiais utilizados. Muitos interpretam a cobertura da cabeça como um sinal de humildade perante Deus e

aceitação de sua supremacia. Atualmente, seu uso é matéria de discussão e debate: enquanto alguns usam até para dormir, outros consideram seu uso necessário somente nas orações e cultos religiosos.

KKL - fundo nacional judaico, criado em 1901, para adquirir terras para o povo judeu na Palestina, a serem repassadas como arrendamentos hereditários. A área total adquirida, até 1948, foi de 96 mil hectares, transformados em terras aráveis e férteis, após séculos de abandono.

KNESSET - parlamento israelense, composto de 120 membros eleitos a cada 4 anos. A Assembléia Nacional tem sua sede no edifício inaugurado em 1966, cuja construção foi financiada por James Rothschild, com colaborações artísticas de Marc Chagall, Dani Caravan e David Palumbo.

KOSHER - alimentação que segue os preceitos religiosos da culinária judaica que, entre outras coisas, proíbe carne de porco, peixe com escamas e mistura de carne com derivados de leite.

KUPAT CHOLIN KLALIT - o mais importante seguro de saúde de Israel. Era, no início, um fundo criado por trabalhadores para financiar o salário de médicos itinerantes. Hoje, atinge a maior parte da população, que tem acesso a hospitais, centros médicos e casas de convalescença.

LIKUD - partido conservador, o segundo maior de Israel, opondo-se ao partido trabalhista.

MACABÍADAS - são as “Olimpíadas Judaicas”, realizadas a cada 4 anos, que reúnem atletas judeus de todo o mundo. Além das Macabíadas, existem outras organizações esportivas: BETAR, criada em 1924; HAPOEL, em 1926 e ELIZUR, em 1939. São usados recursos provenientes da loteria nacional para financiamento de instalações, atividades e premiação esportiva.

MASSADA - última fortaleza dos judeus, situada na montanha do mesmo nome, próxima ao MAR MORTO. Invasa pelos romanos em 73 AC. Por serem encontrados mais de mil cadáveres, tornou-se símbolo da determinação dos judeus em morrerem livres na sua própria terra.

MATZEIVAH - do hebraico “enterro”, significa a cerimônia do sepultamento, que obedece normas próprias do culto religioso israelita.

MENORAH - candelabro de 7 braços (símbolo dos hebreus desde a época mais antiga), representa a fé e a esperança que nutriram o povo por mais de 5 mil anos (através do martírio), na sua missão de defender a religião da justiça entre

os homens e as nações. Em frente ao KNESSET encontra-se um gigantesco menorah de bronze, decorado com 29 cenas históricas de ISRAEL, gravadas em baixo relevo por Beno Elkian.

MESQUITA - local de culto religioso dos muçulmanos, que rezam voltados para MECA (direção indicada pelo nicho - MIHRAB - na parede do templo). As orações acontecem cinco vezes ao dia, envolvendo homens e mulheres, em separado, sapatos removidos e abluções realizadas antes do início das orações. O IMAN dirige o culto, realizado à tarde das sextas-feiras, dia do descanso, acompanhado de sermão público).

MESSORATI - uma das correntes do judaísmo conservador, advoga o cumprimento fiel da HALACHA - a lei judaica, ao mesmo tempo em que encoraja a sua adaptação às exigências da vida moderna. Outras correntes são o reconstrucionismo e o judaísmo progressista ou reformista.

MEZUZAH - significa "cartaz". Documento sagrado colocado na entrada das casas, edifícios públicos, sinagogas e também no interior dos lares. Seu uso costumeiro data do período da escravidão no Egito e há desacordo sobre seu significado: alguns acreditam que ele protege as casas, outros que protege seus habitantes do pecado e outros que ele é uma lembrança ou aviso da insignificância dos afazeres diários, comparados à grandeza de Deus. É comum beijar os dedos, após tocar o "Mezuzah", que pode ser de madeira, metal, plástico, pedra, cerâmica ou mesmo de papel, contendo um pergaminho com referências ao Torah (na frente) e à palavra SHADDAI ("Deus Todo-poderoso", no verso).

MIKRAH - era o primeiro grau de ensino da "Casa de Estudos", cuja divisão inferior recebia, antigamente, crianças de 6 a 10 anos, às quais se ministrava ensino de leitura, escrita, hebreu e caldeu.

MIMOUNA - este festival acontece depois do último dia da Páscoa, muito celebrado pelos judeus do norte da África. Sua origem é desconhecida, mas sua temática é a confiança em Deus e a paciência em esperar o Messias. Simboliza amizade e fraternidade.

MINYAN - grupo para orações públicas, formado por, no mínimo 10 homens (maiores de 13 anos). Os judeus rezam 3 vezes ao dia: de manhã, à tarde e à noite, com orações adicionais no SHABBAT e datas religiosas. Os serviços religiosos podem acontecer em qualquer lugar e os judeus, freqüentemente, arranjam encontros informais para os serviços diários nos locais de trabalho, nos centros de estudo e nas residências.

MISHNAH - primeira compilação escrita da lei oral judaica, codificada por volta do ano de 210, para a qual foram dedicados 400 anos de esforço coletivo. Designa, também, o período intermediário (10 a 15 anos), em que se estudava a lei oral, que compreendia leis civis, penais e comerciais.

MOSHAV - vila agrícola na qual cada família mantém sua própria casa e fazenda. A cooperação consiste na aquisição e comercialização dos serviços comunitários; os 450 moshavin, que respondem por 3,5% da população, reúnem em média 60 famílias cada um. Seus princípios básicos são: 1) a terra pertence ao Estado; 2) ajuda mútua entre seus membros; 3) trabalhe por você mesmo; 4) sistema coletivo de venda; 5) terra e água igualmente divididas entre os membros.

MOSSAD - serviço secreto israelense criado em 1953; é considerado um dos mais eficientes do mundo.

MURO DAS LAMENTAÇÕES - único remanescente da parede de arrimo do Segundo Templo, foi descoberto durante as escavações no bairro hebraico, depois da guerra dos 6 dias. O Muro mede 7 metros de largura e era parte da fortificação que o rei Ezequias construiu à volta da cidade em 701 A.C. Também chamado Muro ocidental, é o foco de orações e anelos dos judeus, que sonham com a peregrinação, ao pronunciar as palavras “o ano que vem, em JERUSALÉM”.

PESSACH - “passagem”, em hebraico. Refere-se à Páscoa judaica. Na época pré-mosaica, era a festa da primavera dos pastores nômades. Posteriormente, transformou-se em memorial da saída do Egito.

PORTAS - 8 portas foram construídas nas muralhas da cidade de JERUSALÉM: 4 são principais, porque direcionadas às principais cidades do país: JAFFA, DAMASCO, SIÃO e DOS LEÕES; as outras são: PORTA NOVA, DE HERODES, DO ESTERCO ou ESTRUME e PORTA DOURADA ou DA COMPANHÃO, selada pelos árabes há séculos - é por ela que o Messias entrará em Jerusalém, diz a tradição judaica.

PURIM - Lembra o episódio da rainha Ester. É celebrado no décimo quarto dia de Adar, relembrando a história da luta pelo poder que mescla tanto a autoridade secular quanto o compromisso religioso. Apesar de sua seriedade e relevância, a comemoração é envolvida por uma atmosfera de alegria e carnaval, com fantasias, comidas e bebidas típicas (“Haman’s ears”, “Osnei Haman”).

QUNRAM - designa as ruínas de antigo estabelecimento monástico, habitado por antiga seita hebraica, os essênios, que entre 11A.C. e 70D.C. viveram em comunidade, segundo modelos, doutrinas e rituais muito semelhantes aos cris-

tãos. Local onde foram encontrados os manuscritos do mar Morto, num esporão rochoso, e que foram redigidos em hebraico antigo, grego e aramaico, anteriores aos mais antigos textos do Antigo Testamento.

RABINO - não é um sacerdote ou um intermediário entre as pessoas e Deus. É simplesmente o mestre que lê a TORAH, durante o ofício público.

RETORNO (LEI) - de 1950, garante a cada judeu o direito de retornar a ISRAEL e, ao chegar, adquirir automaticamente sua cidadania. É a expressão legal do ancestral sonho de retorno, baseado no Programa da Basileia (1897), do Mandato Britânico (1920) e da Declaração de Independência de Israel (1948).

ROSH HASHANAH - é o ano novo judaico, que se inicia com o aparecimento da primeira estrela no céu; o ano que se iniciou a 24/09/1996 do calendário gregoriano ou civil corresponde ao ano judaico de 5757.

SAMARITANOS - consideram-se os verdadeiros judeus, fiéis apenas à TORAH e sua continuação imediata, o livro de Josué; dizem ser descendentes das tribos de José e seus filhos Efraim e Menashé. Acreditam que o verdadeiro templo estava localizado na Samaria, no monte sagrado Guerezim; falam árabe no dia-a-dia e usam a forma arcaica do hebraico.

SANCHEDIN - corpo legislativo e judiciário, organizado em IAVNE e depois em Tiberíades, para reconstruir a vida institucional e comunal dos judeus e do judaísmo, após a destruição do Templo de Jerusalém pelos romanos, em 70 D.C.

SCHLOSHIM - período de luto, com duração de trinta dias após o enterro, em que são realizadas cerimônias religiosas em homenagem à memória do falecido.

SEFARADIN - ou sefaraditas, são os descendentes dos judeus que, após serem expulsos da Espanha e Portugal no século XV, estabeleceram-se em vários países europeus - HOLANDA, ITÁLIA, GRÉCIA, BULGÁRIA e TURQUIA, de onde imigraram para Israel em épocas diversas, em grupos ou individualmente.

SHABBAT - do hebraico **shabbat** = sábado ou repouso, é o dia de descanso semanal dos judeus, quando os serviços são festivos como nas festas religiosas, conduzidas pelo rabino ou por um cantor ou congregante; segundo a lei de Moisés, os judeus deviam consagrar a Deus o sétimo dia da semana - SÁBADO, cuja violação era punida com a morte.

SHALOM - do hebraico **shalom**, significando paz, serenidade, transformou-se na forma de cumprimento usual entre os judeus, além de outras como BOKER-

TOV (boa manhã), BOKER-EREV (boa tarde), LAILA-TOV (boa noite) e SHANA-TOVAH (bom ano novo).

SHAVUOT - originalmente, a festa da entrega das tábuas da lei a Moisés e, atualmente o Pentecostes. Para agradecer uma feliz colheita a, a festa ocorre no sexto dia de Sivan (maio/junho) e tem particular significado nos Kibbutzim e Moshavim. Frequentemente ocorrem jogos, as pessoas vestem roupas brancas e comem alimentos derivados de leite; a primeira colheita é jogada e queimada.

SHEKEL - do hebraico **shekel** ou siclo, é a unidade monetária de Israel, conhecida no Segundo Milênio A.C. como unidade de peso para pagamento com ouro e prata (Gen.cap.23); no câmbio atual a equivalência é de 3,5 shekeis para 1 dólar americano.

SHEVAT - comemorado no décimo quinto dia de Shevat (janeiro/fevereiro), significa o Ano Novo das árvores, sendo costume alimentar-se de frutas e nozes, especialmente Carob Fruit. Desde a independência, o dia é dedicado ao plantio de árvores.

SINAGOGA - local do culto religioso dos judeus, é composta de um *quorum* mínimo de 10 homens adultos (MINYAN), o exigido para o culto tradicional ortodoxo; os serviços são realizados 3 vezes ao dia, homens e mulheres separadamente e de cabeças cobertas. O ponto central de uma sinagoga é a Arca Sagrada, voltada para o templo de Jerusalém e contém os pergaminhos dos 5 livros de Moisés: o Pentateuco ou Torah, do qual se lê uma parte em cada semana. Nela também se realizam estudos de textos religiosos (por jovens e velhos), encontros do Conselho Comunitário e da Corte Rabínica. Algumas já englobam uma padaria (para produzir o pão especial de Páscoa: “Matzah”), um banho ritual - “Mikvah”, acomodações para viajantes e outra atividades comunitárias, como grupos de jovens, viúvas, terceira idade etc. Construídas em estilos diferentes, seus símbolos externos geralmente são o MENORAH e a ESTRELA DE DAVID.

SINÉDRIO - do grego **synedrion** = assembléia reunida em sessão; entre os judeus antigos, designava o tribunal em JERUSALÉM, formado por sacerdotes, anciãos e escribas, os quais julgavam as questões criminais e administrativas, referentes a uma tribo ou a uma cidade, bem como os crimes políticos importantes.

SIONISMO - palavra derivada de Sion, sinônimo tradicional de Jerusalém e Terra de Israel. O ideal do sionismo - a redenção do povo judeu em sua pátria ancestral - é fundado na contínua espera e na profunda ligação à terra de Israel, parte inerente da existência judaica na diáspora através dos séculos.

SUKKOT - festival de caráter religioso e cultural, comemorado do décimo quinto ao vigésimo terceiro dia de Tishri (outubro). A maioria dos judeus constrói abrigos caseiros para lembrar a vida dos israelitas no deserto, após o Êxodo. No oitavo dia da Festa dos Tabernáculos - **SIMHAT TORAH** ("alegria na lei") - o ciclo de leitura do Torah nas sinagogas é completado e imediatamente inicia-se o seguinte, acompanhado de cantos e danças pelos "Yeshivas", ao lado do Muro das Lamentações.

SULCHAN ARUCH - codificação escrita em Safed no século XVI, para fornecer orientação prática para o **HALACHA**; é a mais autorizada entre as compilações concisas e sistematicamente ordenadas, compostas por estudiosos religiosos.

TALLIT - xale de orações judaico, cujo desenho, com a estrela de David (**MAGUEN DAVID**), inspirou a bandeira do Estado de Israel: fundo branco, atravessado por duas listras azuis, entre as quais se encontra a estrela de David. Em cada um dos quatro cantos do xale, estão os **TZITZIT** simbólicos; pequenos xales são usados diariamente e grandes xales somente nas orações.

TALMUDE - do hebraico "Limud" = ensino, estudo, é o corpo de leis e saber judaicos, completado aproximadamente no ano de 400 D.C.; é a base da autoridade haláchica, contendo doutrina e jurisprudência da lei mosaica, com explicações dos textos jurídicos do Pentateuco e da Mishnah. Escritos principalmente nas épocas de exílio, conhecem-se os Talmudes do Egito e o da Babilônia.

TEFILLIN - segundo orientações do Torah (Êxodo e Deuteronômio) e durante o serviço matinal ("Shaharit"), os homens devem usar este acessório ritual no vestuário: **TEFILLIN SHE YAD** é a correia usada em volta dos braços e das mãos e **TEFILLIN SHEL ROSH** é a pequena casquete usada na cabeça; ambas incluem uma parte chamada **BAYT**: a primeira protege os braços e o corpo e a segunda a mente. O **TEFILLIN** protege a pessoa toda - corpo, coração e mente - juntos para a adoração de Deus.

TORAH - o Pentateuco de Moisés ou a lei mosaica ou o sagrado rolo da lei, a tábua eterna do Sinai, pergaminho imenso e venerável ou o livro que encerra o Pentateuco (os 5 primeiros livros do Antigo Testamento: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio).

YAD VASHEM - significa "Um lugar e um nome" ou "Um monumento e um memorial"; é o memorial do Holocausto, lugar de homenagem para 6 milhões de judeus vítimas do holocausto nazista. Uma coluna de 30m de altura, em frente ao memorial traz a inscrição **ZKOR**, que significa "lembra-se". O museu

reúne milhares de fotos e documentos sobre a história completa das perseguições de 1933 a 1944. Na cripta/santuário - OHEL YIZKOR - estão gravados os nomes dos campos de concentração (21); diariamente, após uma breve cerimônia, acende-se um facho de luz às 11 h.

YOM KIPUR - o dia do perdão e do julgamento, o dia mais sagrado do calendário judaico; nesse dia procura-se estar com a mente e o coração elevados, no sentido de perdoar e ser perdoado pelos semelhantes, na certeza de que, assim procedendo, também se é perdoado por Deus.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BARNAVI, Eli. **A historical atlas of the Jewish people. From the time of the patriarchs to the present.** New York : Schocken Books, 1992.
2. BEREZIN, Rifka. **Dicionário hebraico-português.** São Paulo : Edusp, 1995.
3. BLINDER, Caio. Isolado e dividido, Israel Comemora 40 anos. In : **Folha de S. Paulo**, 18 maio 1988. p. 4.
4. BURNS, Edward Mcnall. **História da Civilização Ocidental.** Tradução de Lourival Gomes Malhado. 39. ed. Porto Alegre : Globo, 1975. v. 1, p. 111-128.
5. CENTRO DE INFORMAÇÃO DE ISRAEL. **Realidade de Israel.** Jerusalém : Ellen Hirsch, 1993.
6. _____. **Jerusalém.** 2. ed. Jerusalém : Museu Histórico, 1993.
7. CYTRINOWICS, Roney. Realidade e princípios do sonho sionista. In : **Folha de S. Paulo**, 18 maio 1988, p.4.
8. DINOTOS, Sabado. **Dicionário Hebraico- português.** Brasil : J. J.Koersen, 1962.
9. KONDER, Rodolfo. O luar sobre Jerusalém. In : **O Estado de S. Paulo**, 4 jan. 1996, p. 2.
10. LARROYO, Francisco. **História geral da pedagogia.** Tradução de Luiz Aparecido Caruso. São Paulo : Mestre Jou, 1970. v. 2, p. 83-89.
11. MAGI, Giovanna. **Israel.** Florença : Bonechi/ Steimatsky, 1991
12. MICHENER, James. **A fonte de Israel.** Tradução de A. B. Pinheiro de Lemos. 2.ed. Rio de Janeiro : Record, 1965.
13. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. **The structure of the educational system in Israel.** Israel, 1988/1989.
14. NESTROVSKY, Arthur. Jerusalém, uma desgraça e esperança. In : **Folha de S. Paulo**, 01 mar. 1996.

15. SISTEMA EDUCACIONAL DE ISRAEL. **Anotações do curso sobre sistema educacional em Israel.** Israel, jul. 93.
16. SOBEL, Henry. Obra mostra a história de Jerusalém. In : **Folha de S. Paulo**, 06 mar. 1996, p. 8-5.
17. TILBURY, Neil. **Israel, a travel survival kit.** 2. ed. Australia : Lonely Planet Publications, 1992.
18. WEBSTER, Noah. **The brazilian living Webster encyclopedic dictionary of the english language.** São Paulo : Difel, 1974.